

FIEA Federação das
Indústrias do Estado
de Alagoas

IEL Instituto
Euvaldo
Lodi

PANORAMA ECONÔMICO

Dados referentes ao mês de
Janeiro de 2026

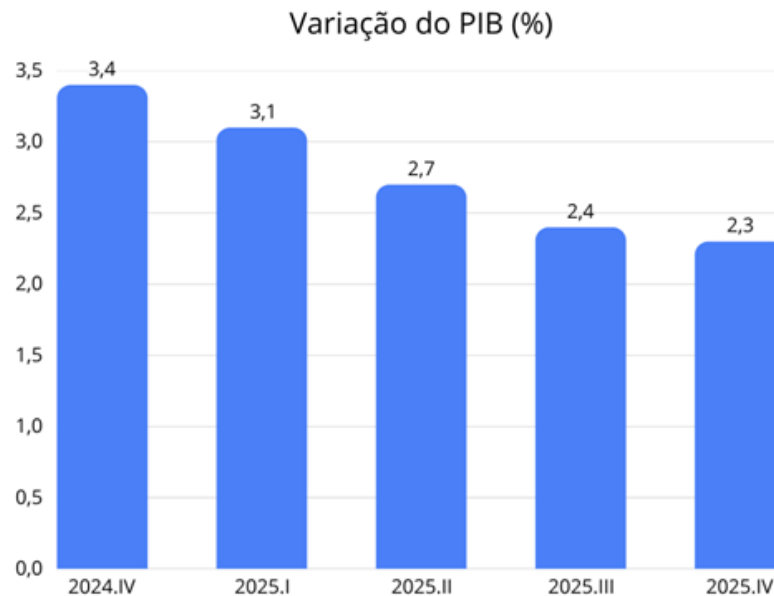
Indústria brasileira desacelera em 2025

Em 2025, a economia brasileira cresceu 2,3% com alta real de 1,9% do PIB per capita. O resultado anual, contudo, não traduz plenamente a dinâmica do período. Ao longo do ano, a atividade perdeu força de maneira gradual, encerrando 2025 em ritmo bem mais moderado do que aquele observado no início da trajetória de expansão¹ (gráfico nº 1).

Esse movimento aparece com clareza na série dessazonalizada do PIB. Após avançar 1,5% no primeiro trimestre e 0,3% no segundo, a economia ficou estagnada no terceiro trimestre e cresceu apenas 0,1% no quarto. Na comparação entre semestres, o crescimento passou de 2,7% no primeiro para 1,8% no segundo, sinalizando perda de dinamismo da demanda doméstica em um contexto de política monetária restritiva.

Pela ótica da demanda, a desaceleração esteve associada sobretudo ao enfraquecimento do investimento e do consumo das famílias. No quarto trimestre, a formação bruta de capital fixo recuou 3,5% frente ao trimestre anterior, enquanto o consumo das famílias ficou estável. No acumulado do ano, ambos ainda registraram crescimento, de 2,9% e 1,3%, respectivamente, mas em ritmo inferior ao de 2024. Os dados semestrais reforçam esse quadro: o consumo das famílias desacelerou de 2,0% para 0,7%, e o investimento passou de alta de 6,5% no primeiro semestre para retração de 0,4% no segundo.

Gráfico nº 1 - Variação do PIB brasileiro - últimos quatro trimestres / quatro trimestres imediatamente anteriores - 2024.IV a 2025.IV



Fonte: IBGE

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa - IEL/AL

Do lado da oferta, a agropecuária foi o principal vetor de crescimento em 2025. O setor avançou 11,7% no ano, sustentado pelo aumento da produção e da produtividade, com destaque para milho e soja. Mesmo no segundo semestre, quando a economia perdeu ímpeto, a atividade agropecuária manteve expansão elevada. Essa resiliência ajuda a explicar por que, apesar da fraqueza da demanda interna, o PIB agregado permaneceu em terreno positivo.

A indústria, em contraste, mostrou sinais mais evidentes de desaceleração. No ano, cresceu 1,4%, apoiada principalmente pelas indústrias extrativas, enquanto a transformação recuou 0,2% e a construção avançou apenas 0,5%. No quarto trimestre, a indústria

caiu 0,7% na série com ajuste sazonal, com retração da construção e da manufatura. Os dados do segundo semestre tornam esse movimento mais nítido: a indústria de transformação passou de crescimento modesto na primeira metade do ano para queda na segunda, e a construção também voltou ao terreno negativo.

Os serviços seguiram como principal elemento de sustentação da atividade fora da agropecuária. O setor cresceu 1,8% em 2025 e avançou 0,8% no quarto trimestre frente ao período anterior, embora com desempenho desigual entre seus segmentos. Houve perda de ritmo em atividades mais ligadas ao ciclo econômico, como comércio

e transportes, o que sugere que a resiliência dos serviços não decorreu de um fortalecimento generalizado da economia, mas de alguma sustentação em ramos menos sensíveis à desaceleração corrente.

Nesse ambiente, o setor externo ganhou importância relativa. As exportações cresceram 6,2% no ano, acima das importações, favorecidas pelo desempenho da agropecuária, do petróleo e de produtos minerais e alimentícios. Isso contribuiu para amortecer os efeitos da perda de tração da demanda interna. Ainda assim, a composição desse impulso revela uma expansão concentrada em segmentos primários e extrativos, com menor capacidade de irradiar dinamismo para o conjunto da estrutura produtiva.

Os dados de janeiro de 2026 reforçam essa leitura. O IBC-Br² subiu 0,78% na margem, mas cresceu apenas 0,98% em relação ao mesmo mês do ano anterior, enquanto o acumulado em 12 meses desacelerou para 2,26%. Os serviços mantiveram algum fôlego, a indústria mostrou reação limitada, e a agropecuária recuou na margem após o forte desempenho de 2025. Em síntese, a economia brasileira atravessou 2025 em desaceleração gradual, encerrando o ano com baixo dinamismo e ingressando em 2026 ainda apoiada em poucos vetores de sustentação.

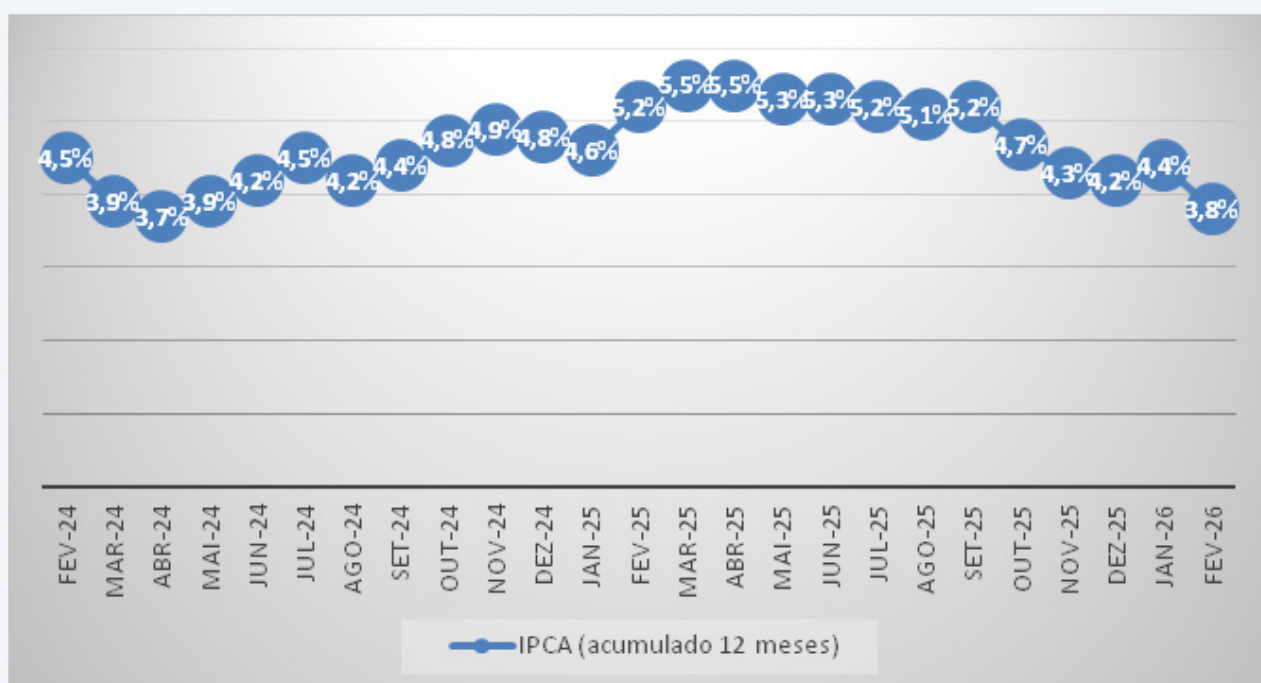
Choque do petróleo *pressiona o Banco Central*

A guerra de Israel e dos Estados Unidos contra o Irã, ao gerar forte volatilidade no mercado internacional de petróleo e afetar os preços da commodity, está levando o mercado a reprecificar a trajetória da Selic para a próxima reunião do Banco Central. No que se refere ao preço do barril de Brent, houve alta de US\$ 70,0 antes da guerra para US\$ 115,0 duas semanas depois, o que corresponde a um aumento de 64%. Em função desse choque sobre o preço do barril, reduziu-se a aposta em um corte de 0,5 ponto percentual na Selic, ao mesmo tempo em que aumentaram as estimativas de redução de 0,25 ponto percentual, que foi sancionada na última reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), quando a Selic passou de 15,0% a.a. para 14,75% a.a.

[2] Banco Central do Brasil

De acordo com o mercado, o principal canal dessa revisão é o petróleo, que passou a concentrar o risco inflacionário derivado do choque geopolítico. A alta da commodity pressiona diretamente os preços de combustíveis, transportes e custos produtivos, além de afetar indiretamente as expectativas de inflação. Antes da guerra os modelos apontavam inflação próxima da meta de 3%, o que sustentava a expectativa de um corte mais forte. Com a escalada do conflito, todavia, as projeções passaram para uma faixa entre 3,4% e 4%, reduzindo o espaço para uma flexibilização monetária mais agressiva.

Gráfico nº 2 -- IPCA (acumulado 12 meses) - fevereiro/24 a fevereiro/26



Fonte: IBGE

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa - IEL/AL

Ademais, o choque externo tende a operar em conjunto com o câmbio. Em um ambiente de maior aversão ao risco, moedas de economias emergentes podem sofrer pressão, ampliando o repasse inflacionário por meio dos preços de importados e insumos dolarizados. Por isso, a decisão do Banco Central não depende apenas da trajetória do petróleo, mas da combinação entre commodity, taxa de câmbio e seus efeitos sobre as expectativas. Nesse contexto, o direcionamento emitido anteriormente pelo Copom deixa de ser entendido como compromisso rígido, tornando-se subordinado à mudança das condições macroeconômicas.

Tais condições contribuem para manter a pressão do mercado sobre o Banco Central e tornam mais delicada a decisão de iniciar um ciclo de cortes. Desse modo, a guerra e a alta do petróleo alteraram o balanço de riscos enfrentado pelo Copom, levando o mercado a substituir a expectativa de um corte mais amplo por uma leitura de afrouxamento condicional, gradual e dependente da evolução do cenário internacional e doméstico.

Contudo, uma redução apenas gradual da Selic, como sinalizada pelo Banco Central, tende a ser pouco eficaz para combater uma inflação cuja origem está em um choque de oferta externo, como o aumento do preço do petróleo. Nesse tipo de contexto, juros elevados têm capacidade limitada de conter a propagação inicial do choque sobre os custos, mas produzem efeitos diretos sobre a desaceleração da demanda, do investimento e do nível de atividade. Assim, a insistência em uma política monetária demasiadamente restritiva pode contribuir para enfraquecer ainda mais o crescimento da economia brasileira, com eficácia relativamente baixa no processo de desinflação.

A produção industrial brasileira *Em janeiro de 2026*

Em janeiro de 2026, a indústria brasileira registrou crescimento de 1,8% frente a dezembro de 2025, com avanço pronunciado na indústria de transformação (+2,1%) e difusão do resultado positivo entre os setores, uma vez que 19 dos 25 ramos pesquisados (76%) ampliaram a produção. O resultado foi considerável, mas deve ser qualificado pela baixa base de comparação, já que dezembro de 2025 havia registrado retração de -1,9%, após um período de virtual estagnação. Por isso, embora tenha havido recuperação na margem, o nível de produção de janeiro de 2026 permaneceu 0,3% abaixo do observado em setembro de 2025, desconsiderados os efeitos sazonais. Entre os destaques do mês, sobressaem produtos químicos (+6,2%), impulsionados pela produção de fertilizantes e defensivos, e veículos e autopeças (+6,3%), favorecidos pela liberação de crédito do programa Move Brasil para renovação da frota de caminhões, além de derivados de petróleo e biocombustíveis (+2,0%). Ainda assim, o avanço não recompôs integralmente as perdas acumuladas no fim de 2025 nem alterou o

quadro de baixa confiança no setor industrial, influenciado pelo elevado patamar das taxas de juros, que restringe sobretudo os segmentos mais dependentes de crédito, como bens de capital e bens de consumo duráveis. Desse modo, janeiro sinaliza uma recuperação disseminada, mas ainda insuficiente para reverter o quadro de fragilidade observado em parte relevante da indústria³.

Indicadores Conjunturais da *Economia Brasileira*

Tabela nº 1 - Variação da Produção Industrial - Janeiro 2026 (%)

	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria Geral	1,8	0,2	0,2	0,5
Bens de capital	2,0	-11,8	-11,8	-2,8
Bens intermediários	1,7	1,2	1,2	1,5
Bens de consumo	1,8	0,1	0,1	-1,3
Bens de consumo duráveis	6,3	-4,0	-4,0	1,0
Semiduráveis e não duráveis	1,2	0,8	0,8	-1,7
Extrativa Mineral	1,2	11,9	11,9	6,3
Transformação	2,1	-1,9	-1,9	-0,6

Fonte: IBGE

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa - IEL/AL

[3] IEDI - Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial

Tabela nº 2 - Índices de preços

Meses	Indicadores de Confiança II						
	Taxa de Câmbio	Swap de 1 ano	Inflação esperada nos	Taxa de Juros	IPCA nos	Taxa de	Taxa Real
	Fim de Período		proximos 12 meses	Real Ex-Ant	últimos doze	Juros Selic	Esperada
R\$/US\$ - Vendas	Mediana	Meses	(% a.a)	Selic (a.a)			
fev/25	5,85	15,03	5,50	9,03	5,06	13,15	7,70
mar/25	5,74	15,09	5,00	9,61	5,48	14,15	8,22
abr/25	5,66	14,48	4,90	9,13	5,53	14,15	8,17
mai/25	5,71	14,64	4,88	9,31	5,32	14,65	8,86
jun/25	5,46	14,69	5,10	9,12	5,35	14,90	9,07
jul/25	5,60	14,76	4,31	10,02	5,23	14,90	9,19
ago/25	5,43	14,36	4,18	9,77	5,13	14,90	9,29
set/25	5,32	14,34	4,44	9,48	5,17	14,90	9,25
out/25	5,38	14,09	4,09	9,61	4,68	14,90	9,76
nov/25	5,33	13,75	4,00	9,38	4,46	14,90	9,99
dez/25	5,50	14,90	4,00	10,48	4,26	14,90	10,21
jan/26	5,23	13,75	3,90	9,48	4,44	14,90	10,02
fev/26	5,15	13,25	4,00	8,89	3,81	14,90	10,68

Fonte: Banco Central do Brasil (BCB).

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa - IEL/AL

Fontes: Ipeadata e Bacen

Tabela nº 3 - Indicadores de Confiança I

	Indicadores de Confiança I		
	Indicadores do Cenário Externo		
	Taxa de Juros Títulos do Tesouro Americano 10 anos	Preço do Petróleo (Brent) em US\$	Ouro - Nova York (Fixing) em US\$
fev/25	4,25	73,05	2.951,00
mar/25	4,46	62,45	3.265,00
abr/25	4,53	64,41	3.287,00
mai/25	4,28	65,62	3.355,00
jun/25	4,37	68,61	3.400,00
jul/25	4,24	65,60	3.392,00
ago/25	4,07	66,86	3.711,00
set/25	3,99	61,81	4.351,00
out/25	4,08	63,64	4.052,00
nov/25	4,13	59,43	4.417,00
dez/25	4,22	65,60	4.786,00
jan/26	4,04	72,46	5.063,00
fev/26	4,18	101,73	4.992,00

Fonte: Banco Central do Brasil (BCB)/ (FED)

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa - IEL/AL

Fonte: Banco Central do Brasil (BCB)/FED

Tabela nº 4 - Indicadores de Confiança II

Meses	Indicadores de Confiança II						
	Taxa de Câmbio	Swap de 1 ano	Inflação esperada nos	Taxa de Juros	IPCA nos	Taxa de	Taxa Real
	Fim de Período		proximos 12 meses	Real Ex-Ant	últimos doze	Juros Selic	Esperada
RS/US\$ - Vendas	Mediana	Real Ex-Ant	Meses	(% a.a)	Selic (a.a)		
fev/25	5,85	15,03	5,50	9,03	5,06	13,15	7,70
mar/25	5,74	15,09	5,00	9,61	5,48	14,15	8,22
abr/25	5,66	14,48	4,90	9,13	5,53	14,15	8,17
mai/25	5,71	14,64	4,88	9,31	5,32	14,65	8,86
jun/25	5,46	14,69	5,10	9,12	5,35	14,90	9,07
jul/25	5,60	14,76	4,31	10,02	5,23	14,90	9,19
ago/25	5,43	14,36	4,18	9,77	5,13	14,90	9,29
set/25	5,32	14,34	4,44	9,48	5,17	14,90	9,25
out/25	5,38	14,09	4,09	9,61	4,68	14,90	9,76
nov/25	5,33	13,75	4,00	9,38	4,46	14,90	9,99
dez/25	5,50	14,90	4,00	10,48	4,26	14,90	10,21
jan/26	5,23	13,75	3,90	9,48	4,44	14,90	10,02
fev/26	5,15	13,25	4,00	8,89	3,81	14,90	10,68

Fonte: Banco Central do Brasil (BCB).

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa - IEL/AL

Fonte: Banco Central do Brasil (BCB).

ELABORAÇÃO
DESENVOLVIMENTO EMPRESARIAL, INOVAÇÃO E PESQUISA - FIEA/IEL

GERENTE
ELIANA MARIA DE OLIVEIRA SÁ

ESTAGIÁRIOS
JULIAN PEDRO MOISÉS DA SILVA
KARINE FERREIRA DOS SANTOS
MARIA LUIZA LEAL DA SILVA
MURILO BARROS MOREIRA BAHIA

ANALISTA
MORGANA MARIA MACHADO MOURA
CONSULTORA
DÉBORA JUSTINO DOS SANTOS
AUTOR
REYNALDO RUBEM FERREIRA JÚNIOR
DIAGRAMAÇÃO
EMILLY KAROLLINY CARDOZO DA FONSECA

INSTITUTO EUVALDO LODI - IEL

DIRETOR REGIONAL
JOSÉ CARLOS LYRA DE ANDRADE

SUPERINTENDENTE
HELVIO BRAGA VILAS BOAS

GERENTE DE DESENV. EMPRESARIAL, INOVAÇÃO E PESQUISA
ELIANA MARIA DE OLIVEIRA SÁ

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS - FIEA

PRESIDENTE
JOSÉ CARLOS LYRA DE ANDRADE

1º VICE PRESIDENTE
JOSÉ DA SILVA NOGUEIRA FILHO

DIRETOR EXECUTIVO
WALTER LUIZ JUCA SÁ

GERENTE UNITEC
HELVIO BRAGA VILAS BOAS